

BOLETIM
BIBLIO-
GRAFICO

1

BIBLIOTECA
P U' B L I C A
M U N I C I P A L
D E S. P A U L L O

BOLETIM BIBLIOGRAFICO

PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

DIRETOR
FRANCISCO PATI

ANO I
OUTUBRO — NOVEMBRO — DEZEMBRO
1943

VOLUME I
S. PAULO

SECRETÁRIO
SÉRGIO MILLIET

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO ORIGINAL

- * "BOLETIM BIBLIOGRÁFICO" FIDELINO DE FIGUEIREDO
- * ALGUNS TRABALHOS RECENTES SÔBRE
ACULTURAÇÃO EMÍLIO WILLEMS
- * BIBLIOGRAFIA DO P. WILHELM SCHMIDT,
S. V. D. EGON SCHADEN 21-39
- * HISTÓRIA DA ECONOMIA FREDERICO HELLER
- * A EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DO "CANCIONEI-
RO DA AJUDA" SILVEIRA BUENO
- * BIBLIOGRAFIA DE GONÇALVES DIAS FRITZ ACKERMANN

AUTORES & LIVROS

- * ENSAIO SÔBRE A HISTÓRIA DA ETNOLOGIA
BRASILEIRA HERBERT BALDUS 59-59
- * FONTES BIBLIOGRÁFICAS DAS ESTATÍSTI-
CAS DE POPULAÇÃO NO ESTADO DE
SÃO PAULO SAMUEL LOWRIE
- * CAVALHADAS BRASILEIRAS E SUA ICONO-
GRAFIA AFFONSO E. TAUNAY
- * HÁ VINTE E CINCO ANOS EDGARD CAVALHEIRO
- * BIBLIOGRAFIA DE JOÃO RIBEIRO MÚCIO LEÃO
- * A VIDA ÍNTIMA DE DOSTOIEVSKY LUCIE MARION

BIBLIOGRAFIA

- * REGISTRO BIBLIOGRÁFICO DAS OBRAS ENTRADAS NA BIBLIOTECA
PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO DE 1 DE JUNHO A 31 DE
OUTUBRO DE 1943.

ENSAIO SÔBRE A HISTÓRIA DA ETNOLOGIA BRASILEIRA

HERBERT BALDUS

(Da Escola Livre de Sociologia e Política)

I

O repertório crítico da literatura etnográfica sôbre os índios do Brasil que, em breve, publicarei no "Handbook of Brazilian Studies", trata de centenas de obras.

As descrições dêsses índios feitas pelos brancos começaram com a chegada de Cabral. Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota portuguesa, redigiu, em 1500, sua célebre carta ao rei Dom Manuel. Assim, a história da Etnologia Brasileira, como da Sul-Americana em geral principia com o descobrimento do Brasil.

Contém, em cada século, fatos notáveis, fatos de valor para nós hodiernos. Medimos êsse valor, tanto pela exatidão e multiplicidade das observações comunicadas, como pelo grau de distância em que o observa-

dor se colocou, quanto aos preconceitos de seu próprio povo, procurando compreender objetivamente a cultura estranha que se propôs observar.

A exatidão de Vaz de Caminha é demonstrada, por exemplo, pela seguinte descrição do tembetá: "Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos nêles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento de uma mão travessa, da grossura de um fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Métem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque-de-xadrez, alí encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer e no beber".

O número de dados etnològicamente aproveitáveis é maior, nessa carta de 1500, do que em outros do-

cumentos do começo do século XVI que se referem a índios do Brasil. Além disso, Vaz de Caminha não somente evita desfigurar os fatos observados, mas chega a exprimir sua opinião sobre os habitantes da terra descoberta com as palavras seguintes: "Segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos". Formar tal conceito acerca de representantes de uma cultura completamente alheia à sua revela uma tendência que poderemos chamar: "etnocentrífuga".

Igual falta de preconceitos determinados pelos valores morais de seu próprio povo demonstra também o autor da carta quando escreve que uma índia tinha "suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia vergonha alguma".

As obras quinhentistas mais importantes para o conhecimento dos índios do Brasil são as de Hans Staden, Jean de Léry, Joseph de Anchieta e Gabriel Soares de Souza. Tratam, principalmente, dos Tupinambá. O arcabuzeiro alemão Staden passou nove meses como prisioneiro desses índios e publicou a respeito, em 1557, um livro que representa a primeira monografia sobre uma tribo do Brasil. Léry recomendou-o a "todos os que desejam saber como são na verdade os costumes dos brasileiros". Hans Staden, além de descrever o objeto, dá, ainda, a sua designação em língua índia, e, para maior esclarecimento, inclui uma xilogravura. Pela variedade de seus dados, esse opúsculo é, até hoje, muito consultado. Apesar de Staden ter estado longo tempo à espera de ser devorado pelos Tupinambá, foi sem ressentimento algum que os descreveu na sua narração. Desapaixonada-

mente, relata detalhes da antropofagia observada e explica sua causa como sendo ódio contra os inimigos da tribo, e não fome. A aparência física desses canibais é para ele tão atraente como a da gente de sua terra, isto é, da Hesia.

O missionário calvinista Léry, natural da Borgonha, afirma ter estado, durante quase um ano, em trato familiar com os Tupinambá. Suas observações não são menos exatas e variadas do que as de Staden, superando seu livro o do alemão em matéria lingüística. Sem ter conhecido esta obra antes de publicar a sua, Léry confirma a explicação de Staden no tocante à causa da antropofagia. É, porém, mais minucioso do que este, pois distingue, ainda, entre os sentimentos de vingança que levam, em geral, os Tupinambá a comer carne humana, a gula especial de certas velhas.

Ao missionário jesuíta Joseph de Anchieta devemos preciosidades filológicas e outros dados sobre os antigos Tupí, com os quais passou dezenas de anos. Devêmos-lhe, também, informações relativas à organização de parentesco e à ordem matrimonial, informações essas que, nas obras sobre os índios do Brasil dos séculos seguintes só têm similares em alguns trabalhos muito recentes.

Gabriel Soares de Souza, senhor de engenho e, indubitavelmente, um dos portugueses mais cultos que vieram ao Brasil quinhentista, declara ter residido neste país durante dezessete anos. Além de tratar de múltiplos traços culturais dos Tupí da Baía, assemelhando-se a Anchieta na consideração de aspectos sociológicos, dá notícias das diversas tribus do litoral, desde os "Tapuias" do Amazonas até os "Tapuias" do rio da Prata.

Em comparação com as obras quinhentistas, as do século seguinte não representam grande enriquecimento para a Etnologia Brasileira. As informações dos autores acima citados, que se referem, principalmente, aos Tupí de S. Paulo, Rio e Baía, dois capuchinhos franceses, os padres Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, acrescentam outras sobre os Tupí do Maranhão. Devemos à invasão holandesa notícias sobre os índios do nordeste publicadas nos livros de Laet, Barlaeus, Marcgrave, Roulox Baro e outros. O seu maior valor não consiste nas referências aos Tupí, mas no material sobre os chamados Tapuia. Ehrenreich reuniu esse material, que foi ilustrado pelo pintor Albert Eckhout, no seu artigo sobre antigos retratos de índios sulamericanos. Os informes acerca dos habitantes do Amazonas escritos pelo jesuíta Acuña que desceu o grande rio um século depois da viagem de Orellana narrada por Carvajal são, como os deste seu antecessor e compatriota, quase inaproveitáveis. Mais valiosa do que eles é a "Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas" feita por Maurício de Heriarte. Na sua obra aparecida em 1663, o jesuíta Vasconcelos tenta uma classificação das tribus do Brasil, reduzindo-as a duas "nações genéricas" que, por sua vez, pela diferença da língua, são subdivididas em "espécies". Chama uma dessas "nações" de "Índios mansos", formando os Tupí uma "espécie" dela. A outra "nação" é a dos "Índios bravos" ou "Tapuyas". Também no século XVII, os jesuítas destacam-se pelas contribuições lingüísticas, sendo a obra mais importante da época a do padre Montoya.

O século seguinte foi quase estéril para a Etnologia Brasileira. Os

resultados das viagens do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira são insignificantes no tocante à descrição dos índios, a julgar pelo que foi publicado de sua obra. Só em 1795, Francisco Rodrigues do Prado escreveu sua pequena monografia sobre os Guaikurú, tribu que vivia no vale do Paraguai ao redor do forte português comandado por esse oficial. É uma exposição exata, se bem que muito resumida, da cultura desses índios, e uma prova surpreendente da compreensão e simpatia que animavam o autor. Por coincidência feliz, só vinte e cinco anos antes, o jesuíta Sánchez Labrador escreveu sua grande obra sobre os mesmos índios e seus vizinhos Guaná, pois desse modo o século XVIII nos legou dois bons trabalhos, cuja importância aumenta pelo fato de se completarem.

No século XIX, a etnologia tornou-se uma ciência, isto é, um campo de trabalho de cientistas especializados. É verdade que só na segunda metade desse século apareceram obras de etnólogos propriamente ditos. Mas embora a "Viagem ao Brasil" do príncipe de Wied-Neuwied, publicada em 1820 e 1821, tivesse sido, antes de tudo, trabalho dum zoólogo, tornou-se pioneira também do estudo indianista. Não existia antes de sua publicação uma descrição de tribu brasileira comparável à sua monografia sobre os Botocudos. Já não fala mais o colono, soldado ou missionário, como nas mencionadas obras dos séculos anteriores. O autor é cientista experimentado, discípulo de Blumenbach, escrupuloso em observar, expor e formar juízos, afastado dos preconceitos de sua época e ótimo escritor. Não reuniu material acerca de tantas tribus quanto seu contemporâneo Martius, nem significa tanto quanto este para a história da Et-

nologia Brasileira, mas superou-o, indubitavelmente, em objetividade e exatidão.

Carl Friedrich Phil. von Martius, quando em 1817, isto é, no ano em que acabou a viagem de Wied, chegou ao Brasil, tinha como tarefa principal o estudo da flora. Assim, durante os três anos seguintes em que percorreu o interior do país, de São Paulo ao Maranhão, subindo, enfim, o Amazonas, ficou conhecendo índios de numerosas tribus, mas geralmente indivíduos isolados de sua cultura originária e muito influenciados pelo contacto com os brancos, ou tribus que sofreram consideravelmente essas mesmas influências. Foram tais índios que serviram de base à formação de determinadas hipóteses do grande botânico. Martius não se limitou a mencionar apenas, nos volumes da narrativa de sua viagem, os dados etnográficos que recolheu no Brasil, mas reuniu-os, mais tarde, em obras especiais. Generalizava levemente para formular hipóteses. Segundo uma delas, "os americanos não são selvagens, mas asselvajados e decaídos... restos degradados de um passado mais perfeito, em via de degeneração muito antes da descoberta pelos europeus". Uma de suas teorias fê-lo cair no erro de d'Orbigny, que considerava os Karaib parentes chegados dos Tupí, exagerando assim a extensão e importância destes últimos. Além disso, o Brasil parecia etnograficamente um enorme formigueiro onde tribus migravam sem cessar, dividindo-se, misturando-se e transformando suas línguas. É de estranhar que, apesar disso, Martius tivesse a coragem de elaborar uma classificação dos índios deste país e das regiões limítrofes, que marcou época na história da Etnologia Brasileira. Essa sinopse, coordenando,

num esforço admirável, todo material disponível até 1867, abrange não só uma faixa mais ou menos larga do litoral, mas, também, pela primeira vez, todo o Brasil. Era, apesar de certas desfigurações injustificáveis, o ponto-de-partida para a exploração puramente etnológica. Não quero dizer com isso que, sem o trabalho de Martius, Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich tivessem deixado de empreender suas memoráveis expedições. O trabalho de Martius serviu para eles de fundamento de suas novas classificações e indicou-lhes muitos problemas a estudar.

As duas expedições de von den Steinen ao Xingú, realizadas em 1884 e 1887, são os maiores acontecimentos etnológicos brasileiros do século passado. Era a primeira vez que no Brasil se organizavam grandes e custosas viagens com o objetivo principal de estudar índios. Os resultados foram sensacionais. Ao passo que Wied e Martius tinham tratado somente com índios que já haviam estado em contacto imediato com os brancos, as tribus encontradas no Alto Xingú por von den Steinen não tinham tido nem sequer relações indiretas com a nossa civilização. Além disso, formavam um ajuntamento isolado de representantes das quatro principais famílias lingüísticas do Brasil, a saber: Tupí, Karaib, Aruak e Gê. Essa descoberta e o seu estudo subsequente forneceram material de valor perene para a história cultural do continente, completaram e modificaram o mapa etnográfico e familiarizaram-nos com a vida índia como nenhum estudo anterior o fizera e como poucos posteriormente. Foi uma feliz coincidência a de um homem como Karl von den Steinen ter sido o primeiro a encontrar esses índios, pois observou com tanta suti-

leza e interpretou com tanta vivacidade, minudência e compreensão essas suas observações, que seu colega Erland Nordenskiöld pôde escrever no seu necrológio: "Folheando qualquer manual de etnografia, história das plantas cultivadas etc., encontramos sempre o nome de Karl von den Steinen, e, muitas vezes, algumas linhas desse homem de gênio, que inspirava tratados inteiros a outros".

No estado atual dos conhecimentos etnográficos brasileiros, o livro de von den Steinen nos parece às vezes antiquado; de fato, ele nem sempre esclarece suficientemente as diferenças entre as tribus das cabeceiras do Xingú. Fala delas, freqüentemente, de uma maneira genérica. Carece de dados sociológicos. Entretanto o livro "Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens" aparecido em 1894, é não somente a obra-prima da Etnologia Brasileira do século passado, mas também continua sendo, sob vários aspectos, uma introdução fecunda ao estudo dos índios do Brasil.

Ao lado dessa figura imponente empalidece a de Ehrenreich que, depois de ter acompanhado von den Steinen na segunda viagem ao Xingú, visitou rapidamente os Karajá do Araguaia e algumas tribus do Purús, já tendo estado antes entre os Boticudos de Espírito Santo e Minas Gerais. Seus trabalhos etnográficos sobre todos esses índios não passam, em geral, de ligeiras notas, e a leitura do melhor deles, isto é, do estudo sobre os Karajá, tornou-se em sua maior parte, dispensável pelas publicações de Krause em 1911. Sinopses feitas por ele do material etnográfico do Brasil eram fundamentais em seu tempo. Hoje são obsoletas. As obras de Ehrenreich sobre mitologia sul-americana comparada, e antropologia física dos índios do Brasil,

ainda que antiquadas em certo sentido, não foram até hoje superadas.

Entre os viajantes do século XIX que, sem serem etnólogos profissionais, contribuíram para o conhecimento das tribus deste país, destacam-se o pintor Boggiani com o livro magnificamente ilustrado sobre os Kaduveo, e Gonçalves Tocantins com uma monografia sobre os Mundurukú, sendo, ainda, dignos de nota Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Telêmaco Borba e o Visconde de Taunay.

II

Enquanto Martius, von den Steinen e Ehrenreich, os três principais iniciadores da Etnologia Brasileira do século passado, procuram abranger, em seus trabalhos, o maior número possível de tribus e de diferentes traços culturais, construindo hipóteses e estendendo suas classificações além dos limites do Brasil, Max Schmidt, no seu livro aparecido em 1905, fornece dados de diversas espécies sobre as várias tribus por ele visitadas e distingue-se pelo estudo fundamental de determinada espécie, isto é, a técnica de trançados dos Guató e dos índios das cabeceiras do Xingú. Entretanto Max Schmidt, como demonstram os relatórios de suas viagens posteriores ao Mato Grosso, nunca conviveu bastante com uma tribo para fazer o que hoje chamaríamos um "estudo intensivo", isto é, uma penetração concretamente documentada da totalidade das relações e funções de uma cultura, considerando devidamente a organização social e os fenômenos religiosos. É preciso dizer, no entanto, que ele não deixou de pisar o campo escorregadio da "História Cultural" com sua dissertação sobre a expansão dos Aruak.

Mas o que lhe caracteriza a personalidade científica que constitui valor capital para o desenvolvimento da etnologia, é sua tendência para os estudos ergológicos e económicos cujos assuntos se lhe afiguram como mais perceptíveis, melhor documentáveis e, por conseguinte, menos sujeitos a mistificações e mal-entendidos do que os da chamada "cultura espiritual", no sentido dado a este termo por K. Th. Preuss e outros pesquisadores de fenómenos religiosos. Isso, porém, não leva Max Schmidt a esquecer o homem como fator decisivo também na "cultura material". Assim, considera ele não somente a economia como processo social, mas também na ergologia a finalidade de cada objeto físico, colocando-se deste modo em oposição ao padre Wilhelm Schmidt quando este se limita a comparar formas sem dar atenção à função.

Pela iniciativa do dinâmico Adolf Bastian que, por várias razões, merece o nome de pai da etnologia, o museu etnográfico mais importante do mundo foi o de Berlim, tornando-se Alemanha o país mais rico em coleções etnográficas do Brasil. Tornou-se, então, idéia predominante nos estudiosos de povos-naturais, estar-se aproximando a última hora destes povos e, com isso, a extrema necessidade de salvar tudo aquilo que poderia servir para documentar sua cultura perante a posteridade. Queriam recolher, ainda, do maior número possível de etnias diversas, o maior número possível de documentos. Óbvio é que, para tal fim e em tais circunstâncias, tratassem de reunir antes de tudo o mais acessível, isto é, utensílios, armas, enfeites e outros objetos "tangíveis". Karl von Steinen, encaminhado por Bastian à etnologia, e, depois dele, Max Schmidt, administrou a secção sul-americana do Museu

de Berlim, e enriqueceu-a consideravelmente com as coleções recolhidas em suas viagens. Koch-Grünberg e Fritz Krause, dois outros indianistas aos quais a Etnologia Brasileira muito deve, viajaram com o mesmo fim e foram encarregados, mais tarde, de funções semelhantes, dirigindo o primeiro o museu etnográfico de Stuttgart e o segundo o de Leipzig. Foi para esse museu que Krause recolheu material em 1908 no vale do Araguaia. Koch-Grünberg percorreu, nos anos de 1903 a 1905, o noroeste do Brasil por incumbência do museu berlinense, tendo como objetivo principal trazer coleções para suas vitrinas. É natural, pois, que as obras sobre essas duas expedições refletissem seus motivos, na abundância de dados concernentes aos tesouros acumulados para os museus e na escassez de informes psicológicos e sociológicos.

Além disso, Koch-Grünberg, cuja instrução universitária era essencialmente filológica, dedicou grande parte de sua atividade a recolher da boca dos índios vocábulos, frases e textos. Reunindo esse material de dezenas de tribus, contribuiu mais do que qualquer outro para o conhecimento dos idiomas índios do Brasil e tornou-se, pela elaboração comparativa, uma das maiores autoridades em lingüística sul-americana. A fama, adquirida com suas publicações sobre línguas do noroeste brasileiro, cresceu ao aparecer postumamente o tomo lingüístico de sua grande obra sobre a expedição de Roroima ao Orinoco por ele realizada, nos anos de 1911 a 1913. Um outro dos cinco volumes concernentes a essa notável viagem é um dos melhores trabalhos de mitologia sul-americana, dedicado pelo autor ao seu mestre Karl von Steinen. O tomo referente à etnografia

pròpriamente dita é excelente, na parte ergológica, e mostra como Koch-Grünberg observou, melhor do que anteriormente, os fenómenos religiosos e sociais, se bem que seus dados sociológicos ainda estejam longe de satisfazer às exigências atuais.

Tais exigências foram satisfeitas no tocante às tribus brasileiras, somente por pesquisas mais recentes e, principalmente, pelos últimos trabalhos de Curt Nimuendajú. Este autor, nascido em Jena e naturalizado brasileiro, publicou em 1914, como sua primeira obra, um magistral estudo sobre a religião dos Apapocuvá-Guaraní, horda de seu pai adotivo e da qual recebeu o nome índio, hoje tão caro aos colegas e tão conhecido de todos os estudiosos. O mencionado trabalho é fruto de um convívio de vários anos com os Guaraní do sul de Mato Grosso e do Estado de S. Paulo, contendo, além do material mitológico, abundantes dados sobre lingüística, psicologia e história de migrações. As outras vinte e uma publicações de Nimuendajú aparecidas nos anos de 1914 a 1932, são, na maior parte, vocabulários das numerosas tribus do norte do Brasil, por ele visitadas, mitos dos Grengêz, Tembê e Xipaia, destacando-se as pequenas monografias sobre a cultura dos Parintintin, Palikur e Tukuna. Instigado por R. H. Lowrie, dedicou-se o explorador, desde 1935, a estudar, principalmente, a organização social dos Gê do norte; daí seus trabalhos fundamentais sobre os Canela, Charente e Apinayé que inauguram nova fase no desenvolvimento da Etnologia Brasileira.

Também a monografia do padre Colbacchini sobre os Boróro Orientais, aparecida em Turim, apresenta, ao lado de muitas páginas preciosas sobre mitologia, lingüística e etnogra-

fia em geral, detalhado estudo sociológico, o qual foi ainda consideravelmente melhorado e aumentado na edição brasileira da mesma obra, publicada no ano de 1942, por esse missionário salesiano em colaboração com seu confrade Albisetti. Por fim, representantes da geração mais nova de etnólogos como Jules Henry e Charles Wagley, discípulos de Franz Boas, trabalhavam recentemente no Brasil, aprofundando ainda mais certos problemas daquela espécie, descobrindo outros e alargando com isso, de maneira surpreendente, o nosso conhecimento das possibilidades e realidades sociais.

O presente resumo não enumera, ao lado das figuras máximas da Etnologia Brasileira, os nomes de todos aqueles que, pelos seus estudos "in-loco" ou de gabinete contribuíram para o conhecimento dos índios do Brasil. São muitos, e entre eles há etnólogos de reconhecido valor. Sobressaim, ainda, entre os autores do século XX, dois brasileiros, a saber: Capistrano de Abreu, na sua monografia sui-generis sobre os Kaxinauá, e Roquette-Pinto, no livro sobre os Parecí e Nambikuara encontrados pela heróica Comissão Rondon.

Martius, von den Steinen e Ehrenreich publicaram mapas lingüísticos do Brasil, e von den Steinen estudou cartograficamente a distribuição geográfica de certas palavras. Assim os três autores iniciaram o estudo da "História Cultural" dos índios deste país, formando hipótese sobre antigas migrações e parentescos. Hermann Meyer é menos conhecido dos etnólogos pelas publicações sobre as duas viagens ao Alto Xingú feitas em 1896 e 1899, do que pela pequena monografia limitada ao estudo da difusão de variedades do arco e da flecha no Brasil Central, difusão essa tam-

bém representada cartograficamente. Depois d'êlo, foram realizados estudos da distribuição geográfica de determinados "elementos culturais" no Brasil, na América do Sul ou na América t'oda, por Friederici, Wilhelm Schmidt, Erland Nordenskiold, Stahl, Métraux, Krickeberg, Rydén, Haeckel e outros. O padre W. Schmidt applicou ao material sul-americano o método dos "ciclos culturais" (Kulturkreislehre), com os seus conceitos formados no estudo da extensão de complexos grupos invariáveis de fenómenos culturais de outros continentes. Com isso motivou graves objeções por parte de Ehrenreich, Krause e outros americanistas. Nordenskiold e Métraux procuravam, então a região de maior distribuição de cada um dos "elementos culturais" estudados, para poder chegar à construção de novas hipóteses em relação à origem e migração d'esses elementos e de seus portadores. Várias tribus tupí serviram a Klimek e Milke para uma análise estatística de "elementos culturais" e a Métraux para um estudo puramente histórico que coordena notícias s'obre suas migrações durante os séculos XVI a XX..

No seu livro aparecido em 1905, publicava Max Schmidt um interessante capítulo de doze páginas com o título "Penetração de cultura européia na região das cabeceiras do Xingú". Apesar-disso, dados científicos s'obre aculturação de índios do Brasil eram escassos e esporádicos até que o autor das presentes linhas tentou estudar sistematicamente, nos seus "Ensaio de Etnologia Brasileira", êsse aspecto da mudança cultural entre várias tribus do centro e sul do país.

As sínteses do material da Etnologia Brasileira que melhor caracterizam o respectivo estado de seu

desenvolvimento, foram feitas por Martius em 1867, Ehrenreich em 1891 e 1905, Wilhelm Schmidt em 1913, Krickeberg em 1922 e 1939, Estêvão Pinto em 1935, Pericot y Garcia em 1936, Gillin em 1940 e Radin em 1942, referindo-se exclusivamente à lingüística as publicadas por Rivet em 1924, Wilhelm Schmidt em 1926 e Loukotka em 1939.

III

A história da etnologia, apresentando dados acêrca dos povos observados, fornece-nos também acêrca do povo do observador. É a história do nosso conhecimento dos outros e do nosso comportamento em relação a êles. Os fatos, que principalmente chamam a atenção do observador, dizem respeito a si próprio e a seu povo em determinada época. Em outras palavras: a escolha de fatos feita pelo observador representa certa informação s'obre o ambiente social e cultural em que êle se criou e costumava viver.

Vaz de Caminha e os seus se interessaram pelo aspecto físico e adorno dos índios, pelo seu comportamento em relação aos ádvenas e pelas indicações que fizeram a respeito da existência de ouro e prata. A carta de 1500 frisa o bom tratamento que os portugueses deram, "para os mais amansar", aos índios hóspedes de suas naus. No final, a missiva indica como objetivo principal "salvar esta gente", mencionando em seguida a utilidade de ter na terra descoberta "esta pousada para esta navegação de Calecute". Várias passagens da epistola revelam a grande cautela dos portugueses em não se exporem a uma surpresa hostil por parte dos índios. Em resumo: ao lado de certos inte-

rêsses intelectuais, isto é, curiosidade em conhecer gente e coisas estranhas, mostra o documento interessês materiais em achar metal precioso e assegurar o caminho marítimo para a Índia, e interessês religiosos, pois dá grande importância ao "acréscimento da nossa santa fé". Tudo isso foi manifestado com intenções benévolas e completamente pacíficas que, porém, não excluíram o racionalismo do autor, nem a desconfiança estratégica de seus companheiros.

A observação no diário de Pero Lopes de Sousa, de serem as mulheres tupí da Baía vistas pelo autor em 1531, "muj fermosas q nó hã ne-nhuã emveja as da Rua nova de lix-bõa", pode ser um juízo puramente estético, mas não deixa de lembrar as tendências tipicamente portuguesas na política de povoamento colonial, isto é, a atividade procriadora do luso em qualquer ambiente racial e com qualquer quantidade e qualidade de mulheres.

Enquanto êsses escritos da primeira metade do século XVI encararam amavelmente o aspecto externo dos Tupí a "História da Província Santa Cruz" de Magalhães de Gândavo aparecida em 1576 já dá a conhecer outro modo de ver dos portugueses resultante do contacto mais longo com êsses índios, quando deles declarou: "...sam desagradécidos em gram maneira, e muy deshumanos e crueis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo". Havia chegado a época na qual o português considerava, em geral, o índio como escravo ou inimigo.

Era, porém, comum a quase todos os mencionados autores dos séculos XVI, XVII e XVIII, isto é,

desde Vaz Caminha até Rodrigues do Prado, terem o cristianismo por padrão supremo para pensar e agir. Sòmente na interpretação e aplicação desse dever sagrado, no tocante aos índios, havia diferenças e mesmo contrastes. Para aumentar a glória de Deus, uns entablaram relações amistosas, outros mataram ou fizeram escravos. No meio de relatos verídicos encontramos, às vêzes, deturpações conseqüentes da Idade Média na qual, como é sabido, perdeu-se grande parte das aquisições científicas da Antiguidade e com elas, também, a objetividade a respeito dos povos exóticos, patente em obras de arte egípcia desde o segundo milenário antes de Cristo, e em monumentos de vitória do império romano. O obscurantismo medieval que para representar convenientemente os pagãos, ressuscitou quimeras da Antiguidade e inventou outras, sobreviveu em aberrações da natureza personificadas por tribus do Brasil.

No século XVII, os padres Acuna e Simão de Vasconcelos deram notícias acerca de "nações" inteiras de gigantes, anões, amazonas e gente com pés voltados para trás, correndo, a-pesar-disso, para frente. Ainda no fim do século XVIII, o naturalista Rodrigues Ferreira perguntava: "Será certo que entre as muitas nações de gântios, que habitam no Juruá, confluyente do rio Solimões, existe a dos Cauanás, espécie de pigmeus, de estatura tão curta que não passam de cinco palmos? Será certo que a dos Uginas, do mesmo rio, consta de Tapuias caudatos?"

Indubitavelmente, tal sede de sensações causadas pela imaginação de anormalidades tinha certa relação com o vivo interesse pela antropofa-

gia que caracterizou a Etnologia Brasileira da segunda metade do século XVI. Era também assunto predileto de autores dessa época, ainda não citado, como André Thevet e Fernão Cardim.

Simultaneamente, com a tendência a saborear fenômenos horripilantes, manifesta-se a inclinação para tornar mais bela a realidade. Assim, nas gravuras do livro de Léry, representando cenas de espíritos malignos em forma assombrosa, atormentando pobres Tupinambás, e também retratos de homens e mulheres desta tribo, correspondendo ao ideal de beleza europeu de então, e lembrando a mencionada comparação das baianas índias com as lisboetas no diário de Lopes de Sousa.

Tais "aformoseamentos" de povos-naturais alcançaram o auge na época em que Jean-Jacques Rousseau elogiou o suposto estado paradisíaco dessa gente. Martius, também, veio ao Brasil com preconceitos semelhantes. A desilusão sofrida na cabana índia o fez mudar de opinião e manifestar-se de acordo com os autores coevos como Friedrich Creuzer e sua escola, em cujas representações os povos-naturais não passavam de degenerados. Aplicando este conceito aos índios do Brasil, Martius teve o ensejo de externar lamentações filantrópicas e revelar, com isso, o ambiente social e cultural em que se criara. Era o da burguesia alemã da época do romantismo, a casa de um farmacêutico em Erlangen, aparentemente bem diversa do castelo em Neuwied onde nascera o etnógrafo dos Botocudos. A-pesar-de ser filho do mesmo tempo, este precursor de Martius na exploração e descrição de coisas

brasileiras sabia mostrar-se humanitário sem a verbosidade sentimentalista do sábio bávaro.

O evolucionismo de Darwin e Spéncer que orientou as ciências, na segunda metade do século passado, é representado na Etnologia Brasileira principalmente por Karl von den Steinen. O descobridor do Alto Xingú dissertou brilhantemente sobre a origem da produção do fogo, da olaria, do desenho, das máscaras, do número dois e de outros fenômenos culturais, considerando a América do Sul o campo mais vantajoso de experiência para "resolver o problema do processo de desenvolvimento do grau inferior para o superior". Também Ehrenreich provou ter vivido na mesma época, contemporâneo do evolucionista Tylor, quando, com referência aos Karajás e a outras tribus sul-americanas, falou do animismo como "a mais baixa forma da vida religiosa".

As obras do antropeógrafo Ratzel aparecidas nos dois últimos decênios do século XIX, formam uma espécie de reação contra o evolucionismo na etnologia. O caminho de um fenômeno cultural pelo espaço interessa-lhe mais do que o pelo tempo. É verdade que já Martius se ocupara com problemas de migrações e que ignoramos a influência de Ratzel sobre von den Steinen e Ehrenreich ao estudarem as mesmas questões. Em todo o caso, porém, um produto direto da influência do afamado geógrafo é a monografia de Meyer sobre a distribuição do arco e da flecha, e como aperfeiçoador dessa corrente anti-evolucionista, nomeia-se a si próprio o padre W. Schmidt, se bem que sua orientação histórica não esteja bem de acordo com tal afirmativa.

O estudo da "História Cultural", tido por este autor e sua escola como objetivo principal da etnologia, incitava, naturalmente, aquêle "espírito da última hora" que obrigava os viajantes, desde von den Steinen até Koch-Grünberg e Max Schmidt, a recolher, antes de tudo, o material ameaçado de extinção. Mas o desenvolvimento da sociologia repercute, em medida crescente, nas pesquisas etnográficas, e a intensificação de choques entre povos e raças de todos os continentes durante e depois da primeira guerra mundial chama a atenção sobre os problemas de aculturação. O interesse por esta "etnologia aplicada" aumenta rapidamente

com a influência de Thurnwald, Herskovits, Redfield, Linton e outros. Assim, ao lado do "espírito da última hora" surge um espírito novo que não olha só para trás, mas principalmente para o presente e para o futuro. Considera-se o começo da compreensão psicológica dos povos estranhos, reconhecendo a necessidade do "estudo intensivo" pelo convívio de muitos meses e anos com a mesma gente. Este espírito novo não teme perder o trabalho "in loco", pois suas possibilidades são inúmeras.

(D "O Estado de S. Paulo", 9, 11 e 16-9-1943).